



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A CRÔNICA DE MARTHA MEDEIROS: QUESTÕES DE GÊNERO E IDENTIDADE

João Matias da Silva Neto; Ana Lúcia Maria de Souza Neves

Universidade Estadual da Paraíba - joao.matias13@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba – analiteraturasouza@yahoo.com.br

Resumo: Este artigo é oriundo das leituras e discussões acerca do gênero crônica nas aulas do componente curricular Teoria e crítica literárias. O estudo é orientado pela professora Dr^a Ana Lúcia Maria de Souza Neves, professora de Literatura do Departamento de Letras e Artes. Desta forma, o presente artigo tem como objetivo observar na crônica *Fidelidade Feminina*, da escritora Martha Medeiros, como a construção identitária da personagem feminina está representada. Para tanto, recorreremos ao estudo de gênero e identidade, observando assim a representação da figura feminina no texto literário, por meio de uma análise interpretativa da referida crônica. Destacando o papel da mulher na literatura brasileira e mostrando o espaço que o feminino vem conquistando, com muita luta, em muitos setores da sociedade, o presente artigo pretende estabelecer reflexões acerca do pensamento feminino, da posição da mulher em relação à sociedade e aos olhares masculinos, desmistificando a ideia de que a mulher torna-se propriedade masculina por meio do laço matrimonial. Para fundamentar as discussões recorreremos às contribuições teóricas de Bauman (2005), Hall (2014), Silva (2014) e Del Priore (2008; 2006), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Fidelidade feminina. Teoria e crítica literária. Martha Medeiros.

Introdução

O presente trabalho tem como objetivo analisar a crônica *Fidelidade feminina*, da escritora Martha Medeiros, levando em consideração as discussões e estudos realizados em sala de aula sobre a narrativa literária, centrando a atenção nas especificidades do gênero crônica. A partir da discussão da construção da identidade feminina, o artigo pretende estabelecer reflexões sobre o lugar da mulher na sociedade contemporânea e sua trajetória histórica, evidenciando as mudanças na “identidade feminina”. Este artigo visa desmistificar representações que enquadram a

mulher em uma posição de subjugação nas relações afetivas. Pretendemos mostrar a demarcação na exclusão das mulheres, enquanto sujeito do discurso e o desmerecimento a que as experiências e histórias femininas são expostas. Outro objetivo do trabalho é ressaltar a relevância da leitura e discussão da produção de autoria feminina na sala de aula.

METODOLOGIA

O estudo é resultado de uma pesquisa bibliográfica, centrada na leitura e interpretação do texto literário, mais especificamente da crônica, de Martha



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Medeiros, sem perder de vista o contexto histórico e cultural em que a obra foi escrita.

RESULTADO E DISCUSSÃO:

1. As diversas mulheres nas crônicas de Martha Medeiros e o porquê de estudar crônicas

A crônica é um gênero que nasceu enquanto conteúdo documental, tendo no cronista um documentarista preocupado com o contexto histórico e social de sua época. A própria etimologia da palavra aponta para essa assertiva: *kronos* = tempo; é o relato dos acontecimentos em ordem cronológica (Coutinho, 2008).

Enquanto gênero literário ganha força à medida em que se torna presente nos jornais, assumindo novas características e se tornando um texto sucinto, simples e por tal razão mais próximo do leitor. É um fazer literário que transfigura o real de acordo com a essência do autor, trazendo um lugar de fala muito particular onde o escritor tem um campo próprio de criação, negociando com o texto suas estratégias de pertencimento.

Com base nesse entendimento, na crônica é importante assinalar o caráter observador da pessoa que narra. É um (re) contar de fatos carregado de subjetividades, entrelaçando vivências e identidades capazes de remontar as mais complexas memórias.

Estes aspectos se fazem presentes na escrita de Martha Medeiros.

Martha Medeiros é uma escritora, jornalista e cronista brasileira. Como cronista, Martha procura descrever os eventos relatados nas suas crônicas de acordo com a sua própria visão crítica dos fatos, sendo assim, ocupa o lugar de escritora brasileira, uma conquista importante para a posição da mulher perante a sociedade brasileira, pois poucas são as mulheres que escrevem crônicas e muito menos são destacadas por seu trabalho. Marta destaca-se a construção da identidade feminina em suas obras e expressa a realidade vivida por mulheres de diferentes épocas, contextos sociais, de etnias e personalidades diferentes. Através de frases, sentimentos, dirigidos ao indivíduo ela estabelece um diálogo entre autor e leitor.

As mulheres representadas por Martha Medeiros são mulheres de visão crítica e autônomas, no livro *Simple assim* a autora levanta questionamentos do tipo: “Por que complicar ainda mais?” fazendo com que seja pensado o modo de vida, e descomplicando as situações difíceis do cotidiano, mostrando que há solução para tudo na vida desde que haja uma reflexão sobre nosso estado emocional e, com isso, ela destaca seu eu feminino, que na verdade podem ser vários e podem estar mais perto do que imaginamos.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Com o estudo do gênero literário crônica, especificamente as que tematizam a identidade feminina, o aluno poderá refletir sobre aspectos da realidade social e cultural da sociedade contemporânea no que diz respeito aos lugares ocupados pela mulher:

Há um meio certo de começar a crônica por uma trivialidade. É dizer: Que calor! Que desenfreado calor! Diz-se isto, agitando as pontas do lenço, bufando como um touro, ou simplesmente sacudindo a sobrecasaca. Resvala-se do calor aos fenômenos atmosféricos, fazem-se algumas conjecturas acerca do sol e da lua, outras sobre a febre amarela, manda-se um suspiro a Petrópolis, e la glace est rompue está começada a crônica. (...) (ASSIS, 1994).

A leitura poderá revelar ao aluno que os elementos do seu dia a dia podem estar presentes na produção escrita e na escrita dos textos literários.

2. Lealdade X fidelidade feminina

A crônica em estudo, *Fidelidade femina*, é resultado de uma conversa entre amigas, suscitando de imediato o interesse do leitor, despertado pelas lacunas, implícitos e ambiguidades presentes na suposta confissão feminina. No desenvolver da conversa as personagens destacam palavras que nos remetem a pensar sobre fidelidade e lealdade feminina, quando, por exemplo, usam a expressão: “fiel como uma labradora” sugerindo a associação da fidelidade à situação de ligação entre o cão e o seu dono, o

que aponta para a submissão que a personagem apresenta no relacionamento discutido. No decorrer do texto, perceberemos que a fidelidade feminina vai além do ser fiel em um relacionamento amoroso, e destaca a principal forma de lealdade, que na verdade é ser leal a ela mesma.

É perceptível na crônica a lealdade que a escritora propõe, destacando a importância de ser leal às próprias escolhas femininas, considerando suas vontades e desejos íntimos, até na confiança que as mulheres estabelecem entre si é uma expressão de lealdade com seu eu interior. Desmistificando o ser FIEL apenas ao parceiro, a autora sugere liberdade de atribuir as palavras o grau de importância e significado dependendo do seu contexto, é dizer que mais importante que ser leal a um relacionamento afetivo é ser leal a si mesma e considerar a fidelidade algo íntimo com seu eu interior, contrariando modelos estabelecidos historicamente para o feminino:

Vista como uma soma desarrazadora de atributos positivos e negativos, cujo resultado nem mesmo os recursos científicos cada vez mais sofisticados poderiam prever, a mulher transformava-se num ser moral e socialmente perigoso, devendo ser submetida a um conjunto de medidas normatizadoras extremamente rígidas que assegurassem o cumprimento do seu papel social de esposa e mãe; o que garantia a vitória do bem sobre o mal, de Maria sobre Eva. Se a mulher estava naturalmente predestinada ao exercício desses papéis, a sua incapacidade e/ou recusa em cumpri-los eram vistos como resultantes da especificidade da sua natureza e,, concomitantemente, qualificadas como



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

antinaturais”. (DEL PRIORE *apud* MAGALI, 2010, p. 322).

A fidelidade feminina durante muito tempo resumiu-se, então, ao matrimônio entre o homem e a mulher, a limitação em ser fiel por obrigação ao marido, tornando o significado de ser fiel mais semelhante a “fiel como uma labradora” termo usado por Martha na crônica, evocando a submissão que a mulher pode estar exposta em um relacionamento afetivo.

3. Relacionamentos e suas prisões: o tempo, o conformismo e comodismo

Na crônica em estudo, a personagem principal em confissão revela à amiga: “chega uma hora que é preciso mudar. Eu vou fazer 50 anos. Olho todos os dias para o espelho e enxergo a mesma cara, a mesma falta de brilho.” Consideravelmente notamos o cansaço que muitas mulheres sentem em seus relacionamentos duradouros, mas artificiais. É normal também identificarmos nesses relacionamentos o conformismo que historicamente, por diversas razões, foi cultivado pelas mulheres, em muitos casos é mais fácil aceitar e tentar conviver com o que já possuem do que ir além de seus próprios desejos, pois assim, pode evitar a dolorosa, mas necessária, prática de se (re)fazer cotidianamente.

Apesar de estar presa a esse tipo de relacionamento, a personagem destaca o descontentamento e revela o desejo de mudar:

– Rê, chega uma hora em que é preciso mudar. Eu vou fazer 50 anos. Olho todos os dias para o espelho e enxergo a mesma cara, a mesma falta de brilho.

Estou envelhecendo sem arriscar nada, sem experimentar algo diferente, nunca. Me diz a verdade: você acha que ele irá suportar?

Para realizar a mudança precisamos entender que “tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade”. Em outras palavras, a ideia de “ter uma identidade não vai ocorrer às pessoas enquanto o “pertencimento” continuar sendo seu destino, uma condição sem alternativa.” (Bauman, 1995, p. 17). Estabelecendo uma relação entre a condição, historicamente construída na sociedade falocêntrica, da mulher “pertencer” ao homem, podemos destacar a condição sem alternativa da mulher, uma ideia de identidade presa não só ao pertencer, mas também a impossibilidade de ser livre e de construir sua própria identidade.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

A crônica lembra que a identidade feminina deve ser livre não apenas nos relacionamentos, mas livre também das limitações que o outro pode proporcionar, livre dos muros altos que os relacionamentos superficiais, muitas vezes, provocam.

4. A força da decisão feminina

No decorrer do diálogo, a personagem finalmente decide confessar ao homem o segredo mantido, apesar dos momentos de reflexão, do medo em confessar, e de perder a confiança desse certo homem, a mulher, personagem principal, quando toma a decisão mostra que não existe nada que a possa fazer desistir, nos mostrando a força que as mulheres podem ter quando há necessidade de manter ou tomar uma decisão difícil em seus relacionamentos amorosos:

– Tá brincando! Você pretende contar a ele??? –
Ele vai reparar, né? Lógico.

– Não precisa falar nada, mulher! Se você for discreta, ele não vai descobrir.

Esta característica feminina desconstrói a visão naturalizada da mulher como ser frágil e incapaz de tomar decisões e realizar atitudes para dirigir a sua vida.

Durante séculos, a mulher foi predestinada e vista como objeto a ser moldado para obedecer ao que era pregado pela família, para satisfazer às expectativas

dos pais e, posteriormente, do marido. (PERROT, 2013).

Ela crescia submissa ao pai e continuava pela vida afora submissa ao marido – só trocava de senhor – continuando “serva” do marido e dos filhos.

É possível perceber no texto uma postura diferente da personagem feminina, que é apresentada capaz de tomar decisões e dirigir a própria vida.

5. Medo do desconhecido

Falar de medo é algo inevitável e também difícil, uma vez que de alguma forma todas as pessoas são impactadas por ele, e, por isso, podem sofrer possíveis problemas pela existência do medo. Nos dias atuais é notável perceber o medo por todos os lugares, na família, com os amigos, na vida acadêmica, em geral nas relações afetivas. É quando introduzimos o medo em relação ao desconhecido, o medo instalado nos relacionamentos repletos de conformismo e cheios de comodismo, o medo de arriscar em ser livre destes mesmos relacionamentos, contribuindo com a infelicidade e nos impossibilitando de entender que para alcançar a felicidade será necessário libertar-se desse medo.

Martha no desenvolver da crônica mostra que o medo de viver livre deve ser superado pela mulher, pelo sexo feminino, a



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

superação deste mesmo possibilitará o lugar de destaque na sociedade, evidenciando a trajetória feminina, suas conquistas, desejos, vontades, idealizações e objetivos. Este resultará na construção da mulher e na força que a mesma terá diante de situações do cotidiano, é o verdadeiro destaque que a mulher merece no íntimo do seu eu, na livre expressão de ser mulher.

No final da crônica, a personagem revela o que seria o grande segredo e, principalmente, a quem se direcionava a confissão do mesmo. É cognoscível que quando falamos em confissão, traição, homem e mulher, associamos a uma relação matrimonial. A escritora mostra que trair vai além de ser fiel ou não em um relacionamento, que existe uma pior traição que a entre casais, existe a traição do próprio eu quando despreza as próprias vontades, desejos e, principalmente, necessidades:

- eu sei, eu ei só que não aguento mais usar o mesmo corte há 17 anos. Estou decidida, Rê. Vou trocar de cabeleireiro. Se me arrepender, assumo as consequências. Não suporto mais ficar refém de uma situação que é cômoda, mas que não me revitaliza.

Então só posso te desejar boa sorte, amiga. Voou te confessar uma coisa, mas não espalha: eu adoraria trocar minha manicure por outra novinha que recém entrou no salão. Me diz se tem cabimento isso. Já troquei de marido três vezes, e não tenho coragem de deixar a Suely.

Neste viés, a autora revela que a traição na crônica, de maneira humorada, trata-se do trair o cabeleireiro e não o marido, apontando também que se a mulher, presente na crônica sentir-se insatisfeita com o companheiro, poderá deixá-lo uma, duas ou até três vezes, mas o que ela não pode fazer é trair sua vontade, seus verdadeiros desejos.

6 O amor verdadeiro: amor próprio

A crônica favorece a reflexão sobre vários aspectos dos relacionamentos no mundo atual. Muitos buscam pelo amor verdadeiro, alguns há muito tempo, outros buscam e “acham em segundos”, pelos diversos meios de comunicação na contemporaneidade. O triste é a necessidade de ter que procurar algo rápido e pronto nos assemelhando a produtos de compra e venda.

Nunca vai existir alguém que seja suficiente para suprir todas as necessidades do Eu, não devemos responsabilizar o Outro por aquilo que precisamos ter construído intimamente no próprio eu. Objetivos, escolhas, felicidade dependem antes da forma como nos vemos.

7. A importância de estudar crônica para desenvolver a criatividade do aluno na produção escrita



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Por que estudar? É uma pergunta frequentemente feita pelos alunos, de diferentes contextos escolares, seja no ensino fundamental ou médio. A resposta sempre será a mesma: estudamos porque precisamos aprender o que não sabemos e com isto adquirimos o conhecimento necessário. Sendo assim, ao construirmos mais e mais conhecimentos, alargamos a nossa forma de ver a nós mesmos e o Outro.

No mundo globalizado no qual vivemos, a carência e a necessidade de melhorias na produção escrita dos alunos são grandes, a reprodução de ideias torna-se mais frequente, porque estamos expostos a vários tipos de mídias digitais que nos fornecem muitas informações ao mesmo tempo, isto impossibilita a produção autônoma de nossos alunos. Quando falamos em contexto precisamos problematizar as experiências de vida dos alunos, fazendo com que os mesmos desenvolvam as habilidades no processo de ensino e aprendizagem.

Para isto, propomos com a reflexão da construção do feminino nas crônicas de Martha Medeiros, destacar as mulheres como escritoras, mostrando seu potencial, corroborando com a desconstrução do preconceito em relação às mulheres, a fim de desenvolver nos discentes uma visão crítica sobre o feminino e, conseqüentemente, atitudes, o repeito para com as mulheres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Deste modo, podemos concluir que a crônica de Martha Medeiros apresenta uma personagem feminina que, ao contrário de muitas outras mulheres retratadas na literatura durante séculos, que ao longo de suas histórias foram silenciadas pelas imposições da vida e pela figura do masculino, coragem, resolve falar e agir, tornando-se autora e protagonista de sua própria história.

Desta forma, a crônica estudada representa um texto rico para ser lido e discutido em sala de aula, pois a realidade atual mostra que as demandas das mulheres por trabalho, segurança, remuneração justa, educação, cultura continuam denunciando a desigualdade que ainda persiste entre homens e mulheres na nossa sociedade.

Concluimos também que a leitura da referida crônica no Ensino Médio pode ser uma atividade enriquecedora, desde que os relatos e vivências dos alunos sejam considerados significativamente, e valorizados e que as especificidades do texto literário sejam levadas em consideração.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado. **Crônicas Escolhidas**. São Paulo: Editora Ática, 1994).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman - Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2005

COUTINHO, Afrânio. **Notas de Teoria Literária**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres no Brasil 9º edição. 2º reimpressão - São Paulo: contexto, 2010.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP & A. 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Tradução Ângela M. S. Corrêa, São Paulo: Contexto, 2013